

# “Novidades” educacionais

A Educação brasileira há tempos padece da fúria “novidadeira” dos poderosos de turno. Foi preciso uma votação, fruto de inédita união dos mais diferentes partidos na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, para que se impusesse o mínimo exercício de bom senso à Secretaria da Educação do Estado. Os deputados simplesmente atenderam a umânime apelo popular contra decisão de d. Neuza Canabarro, que acumula as funções de primeira-dama com as de secretária da Educação gaúcha, que considerava bom decretar o fim das férias escolares tradicionais, criando o que chamava com toda a pompa e circunstância de “calendário rotativo de férias”.

Por esse calendário, as crianças gaúchas passaram a ter três diferentes anos letivos, começando o “A” em março, o “B” em maio e o “C” em julho, anulando todo o esquema de férias normais. Isso para que a publicidade oficial garantisse que sala de aula, no Rio Grande, será utilizada “sem um dia de folga”. Como tudo que invade o bom senso tem limite, os deputados colocaram um fim à “experiência” com que cada um dos 164 mil professores do Esta-

do passou a ter férias nas mais variadas épocas do ano, enquanto as crianças de 3.553 escolas, em especial no interior do Estado, eram obrigadas a frequentar aulas exatamente nos meses em que inverno e verão são mais rigorosos. A secretária Canabarro não admitia críticas à sua medida, asseverando que o objetivo era a “plena ocupação” das salas, pouco importando as condições reais em que a aprendizagem acontecesse.

Em maio, o Ministério da Educação revelava a sua preocupação com o “calendário rotativo”. Educação não é campo para experiências quaisquer e, muito menos, laboratório para publicidade eleitoral. Em dezembro passado, d. Neuza pretendeu fazer um *index* de professores gaúchos com supostos “desvios de conduta”, estimulando a delação dos educadores “problemáticos”, segundo a visão da secretária. Apesar da repulsa que a medida causou, permaneceu no cargo.

Agora a Assembléia limita o “calendário rotativo”.

Enquanto isso, será que, por exemplo, as crianças brasileiras de Barra do Quarai desistiram de procurar aulas na cidade de Bella Unión, no Uruguai?